

# Sarney acusa empresário de anarquista

**Brasília** — O presidente José Sarney reagiu ontem, à ameaça de uma desobediência civil no controle de preços, acusando os dirigentes empresariais de serem anarquistas. Embora sem citar nomes na acusação, as palavras do presidente Sarney foram dirigidas ao presidente da Federação das Indústrias do estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, que no início da semana advertira para "uma guerra de preços e uma desobediência civil generalizada" caso o governo demore a realinhar os preços congelados pelo Plano Cruzado.

Entre outras considerações, o presidente afirmou:

"Aqui vos fala mais uma vez o presidente José Sarney em nossa primeira conversa 'ao pé do rádio' neste ano de 1987.

Renovo a todos os meus votos de êxito e de felicidade.

Chegamos ao fim de 86 mantendo o nosso país, o nosso Brasil, com o recorde de crescimento, cerca de 12% no setor industrial.

Chegamos também ao fim do ano passado com a menor taxa de desemprego dos últimos anos.

Chegamos ao fim do ano passado com o crescimento econômico retomado e todas as vantagens, decorrentes desse fato.

Chegamos com o salário real crescendo.

São dados insuspeitos do Dieese, que é um órgão que calcula a economia para os trabalhadores — como exemplo — que no mês de dezembro tivemos taxa de crescimento do emprego e do ganho real do trabalhador. O desemprego em São Paulo caiu para 8,2% e os rendimentos médios subiram para 12%. São fatos, não são palavras apenas.

Vamos dar outros números para vocês.

Crítica-se muito que o governo não tem cumprido a sua parte no que se refere à diminuição dos gastos públicos. Pois bem, no ano de 1985 o gasto do governo foi de 3,9% do Produto Interno Bruto, em 1986, o ano que terminou, estes gastos caíram para 2,5% do Produto Interno Bruto. Quase a metade da taxa de 85. A inflação, que em 85 foi de 235,11%, caiu em 86 para 22,8% pelo IPC. Cerca de 10 vezes menor do que no ano anterior. E o Índice Geral de Preços foi de 46,67% incluindo janeiro e fevereiro, meses anteriores ao Plano Cruzado. Tivemos em 86 um saldo positivo na balança comercial de 10 bilhões. Um crescimento do nosso PIB da ordem de 8%.

Esses dados são dados importantíssimos. Nenhum país do mundo teve um desempenho igual ao desempenho do Brasil, que além de problemas econômicos teve de conviver com os problemas institucionais. E posso anunciar aos brasileiros que as nossas projeções para 1987 são de manter o crescimento econômico dentre 5 e 7%. Manter a taxa de emprego. Manter o saldo de 10 bilhões de dólares na balança comercial.

Continuar o processo de consolidação da democracia. Fazer uma Constituição que assegure os direitos sociais e as liberdades democráticas. Manter em 1987 a prioridade pelos pobres e não recuar diante das pressões internas e das pressões externas.

Mas não bastam os bons resultados para deter o pessimismo que tem sido espalhado e que alguns setores alardeiam desde o primeiro dia do meu mandato. Estas vozes, dia e noite, semeiam o desânimo e anunciam o desastre. Graças a Deus o Brasil não vai conhecer esse desastre.

E claro que nós temos problemas. Qual o país que não tem problemas no mundo? Mas o Brasil, com os seus recursos humanos, os seus recursos naturais, com a nossa determinação, não tem por que ter medo do futuro. Nós estamos aqui para administrar problemas. O governo não está para ficar de braços cruzados. Nós temos problemas graves, como sabem. Nós temos o ágio. Temos os problemas dos preços. Temos os especuladores, temos os gananciosos.

Como eu já disse, a economia não é geometria. Ela tem que ser ajustada dia a dia e o governo tem que ficar permanentemente resistindo a interesses poderosos que muitas vezes não lham o Brasil e olham os seus próprios interesses. Por outro lado, devo dizer que nós estamos numa fase de negociação da dívida externa que vai começar no dia 19 e isso traz para dentro do nosso país as pressões que nós atravessamos lá fora para nos criar a situação de sentar na mesa enfraquecidos. Isto não vai acontecer e não nos intimidará.

Para que se verifique o estado de exaltação a que chegou esse estado de espírito basta ver que dirigentes empresariais, que felizmente não expressam o pensamento da classe, num momento em que se procura consolidar o estado de direito no Brasil, o regime da lei, pregam a desobediência civil, a anarquia.

Eu acho que mais paciência tem tido a grande massa de trabalhadores brasileiros, o povo pobre mais sofrido, com índices de miséria absoluta, estes sim que constituem o verdadeiro problema e a vergonha nacional.

Mas, em vez de sermos ajudados para resolver os problemas, o que vem são atropelos, por parte de áreas que não podem ter esse comportamento, para dificultar soluções. Mas fiquem certos que nós cumprimos com o nosso dever. Estamos aqui, como eu disse, para administrar problemas e conflitos. E saberemos nos conduzir. Com paciência, em paixão, porque ninguém vai desestabilizar o governo. Para isso nós contamos com o apoio do povo brasileiro e das forças políticas que nos apoiam".